

A polêmica no Jornalismo – a cantoria dos sabiás e dos rouxinóis da mídia

Jacques A. Wainberg*

Resumo

Toda comunidade possui um estoque de vozes disponíveis ao debate de temas públicos. Este estudo sobre a polêmica como um gênero jornalístico documentou 1208 debatedores e 1882 vozes envolvidas neste tipo de controvérsia nos dois mais importantes programas de debate da imprensa gaúcha em 2008. Faz ainda uma tipologia destas vozes, um cadastro dos temas e elabora sobre os dois tipos mais freqüentes de debatedores, os sabiás e os rouxinóis da mídia. O estudo mostra que a mídia mantém um cadastro de polemistas, os aciona sempre que necessário, mesclando estilos e pontos de vista visando desta forma esclarecer a opinião pública através do embate de idéias. Entre eles estão estes dois tipos que freqüentam com freqüência incomum os estúdios e as redações. São provedores de pistas que ajudam a comunidade a fazer sentido dos eventos e das ocorrências. Este estudo descreve também a figura do polemista, um personagem cuja missão é desacomodar a opinião pública.

Palavras-chave: Polemismo. Opinião Pública. Controvérsia

Polemics in Journalism – the songs and the singing birds of the media

Abstract

Every community has a stock of voices available for debate of public issues. This study about polemics as a journalistic gender has found in the year of 2008 in two of the most important journalistic programs in Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 1208 individuals and 1882 voices engaged in this type of controversy. It also makes a typology of these voices, make a list of issues under scrutiny and

* O autor é professor doutor e pesquisador da Faculdade de Comunicação Social da PUC-RS. Doutor pela ECA/USP. Pesquisador CNPq. Autor dos livros “Império de Palavras” (Edipucrs, 1997); “Casa Grande e Senzala com Antena Parabólica” (Edipucrs, 2001); “Turismo e Comunicação: a Indústria da Diferença” (Contexto, 2003); “Mídia e Terror: Comunicação e Violência Política” (Paulus, 2005); “A Pena, a Tinta e o Sangue: a Guerra das Idéias e o Islã” (Edipucrs, 2007), entre outros. E-mail: jacqalwa@pucrs.br

reveal the two most frequent participants in this type of program. They were called the nightingales and rufous-bellied thrush of the media. This study also show that every news outlet has a stock of polemicists at its disposal, making use of them as needed, mixing their styles and point of views in order to help the community to have a broad view of the issues. These types of birds and their singings are the most frequent in the newsrooms. They are providers of cues to the community regarding public occurrences and events. This study also describes the main characteristics of the polemicist, a character that is always engaged in the war of ideas.

Keywords: Polemics. Public Opinio. Controversy

La polémica en el Periodismo – la cantoria de los ‘sabiás’ y de los ruseñdres de la ‘mídia’

Resumen

Toda comunidade posee uma reserva de vozes disponíveis para o debate de temas públicos. Este estudo sobre a polémica, como gênero periodístico, documentou 1208 debatedores e 1882 vozes comprometidas em este tipo de controvérsia em los programas más importantes del debate de la prensa de Porto Alegre em 2008. Hace, aún, una tipología de estas vozes, um registro de polemistas. El estudio muestra que a mídia los aciona siempre que sea necesario, mezclando estilos y puntos de vista, llevando, de esa forma, aclarando la opinión pública a través de debate de ideas. Entre ellos están estos dos tipos que frecuentan, no raramente, los estudios y las redacciones. Son provedores de pistas que ayudan a la comunidade a dar sentido de los acontecimientos y de los hechos. Este estudio describe, también, La figura del polemista, um personaje que vive envuelto em la disputa de ideas, y cuja misión es la de desacomodar la opinión pública.

Palabras clave: Polemismo. Opinión Pública. Controversia

Introdução

Os antigos gregos denominaram a polémica de “erística”. Nela a resolução das controvérsias não é feita pela lógica, pelo raciocínio e pela razão. Prepondera a emoção e o desejo de persuasão. O que os contendores querem neste tipo de embate é a vitória sobre o oponente, mesmo que a ferro e fogo. Trata-se de uma deformação da dialética e da filosofia. Na erística a conversação transforma-se numa discussão belicosa.

Na verdade, o que está em jogo neste caso é o desejo dos debatedores em conquistar algum grau de poder e controle sobre o clima de opinião pública. Por isso a luta retórica parece ser tão

dramática. O que mais importa aos polemistas é simplesmente o desejo de superar o adversário. A boa vontade em ouvir a verdade e a humildade em admitir o equívoco num debate de ideias é tão difícil e as consequências são tão duras que os envolvidos nas disputas fazem de tudo um pouco para postergar este momento cruel de revelação.

Neste tipo de controvérsia, predomina mais a apologia e a pregação e menos o diálogo; mais a oratória, menos a audição; mais a imposição, menos o consenso; mais a certeza do orador e menos as dúvidas da audiência; mais o carisma do polemista e menos o espírito crítico do receptor, seja ele leitor, ouvinte, espectador ou fiel seguidor. O choque entre os interlocutores pode ter trajetórias variadas. Por vezes começa como uma mera discussão. Pode evoluir a uma controvérsia culminando por fim numa disputa.

Considerando a relevância social deste tipo de enfrentamento de ideias para o esclarecimento da cidadania sobre temas públicos, este estudo tem o objetivo de cadastrar e categorizar os 1208 debatedores que participaram em 2008 de todas as 535 edições dos programas “Polêmica” transmitido pela Rádio Gaúcha e ‘Conversas Cruzadas’ veiculado pela TVCom, ambas emissoras de Porto Alegre. Cabe realçar que estes são os dois mais importantes programas de debates da imprensa do Rio Grande do Sul. São igualmente os que desfrutam de maior audiência. Desta forma busca-se identificar o perfil dos debatedores, assim como os tipos de retórica utilizados nos embates e os temas em discussão. De uma forma geral tais personagens constituem um estoque de vozes que a produção jornalística aciona periodicamente visando provocar a controvérsia e ajudar o público a interpretar os fatos.

Provedores de pistas

A polêmica é um fenômeno complexo de conversação. Entre todos os seus tipos, a que ocorre por meio da mídia tem especial relevância política e social. É por vocação um mecanismo público de ponderação. Os debatedores funcionam como provedores de pistas e intérpretes da realidade à população. Para muitos telespectadores e ouvintes estas vozes são as mais influentes na

formulação de uma visão de mundo e na consolidação de uma opinião. Por decorrência cabe salientar o fato de que toda sociedade tem sempre um estoque de vozes à sua disposição. Vozes em posição *stand by* e a um braço dos microfones para entrar em ação. Operam como os sabiás. O canto que lhes sai da boca se parece a de uma flauta doce. É um canto sem cortes, agradável, nem muito alto, nem muito baixo. O timbre é constante e inspirador. Mesmo com toda sua agitação, muitos querem tê-lo por perto. Gostam de ouvir o seu vozeio e o cantarolar dos seus versos.

O levantamento destas vozes em confronto nos programas de debate mais expressivos na mídia num período de tempo permite que se tenha ideia do perfil destes debatedores e dos temas em discussão numa determinada comunidade. Este tipo de cadastro esclarece quem fala, com que frequência e porque razão. Logo fica claro que em todo lugar há sempre um limite a este estoque de discursos predispostos à pregação. Percebe-se também que quem fala tende a dizer periodicamente, em inúmeros lugares, ao longo do tempo e por muito tempo sobre tópicos variados, além dos que envolvem sua especialidade de origem e vocação. Sua exposição cumulativa à mídia acaba lhe conferindo reputação. Isso ajudar dar a esta gente certa aura e por decorrência produz veneração. São vozes que querem falar, mas que aprenderam a esperar.

De tempos em tempos, por necessidade mesma da programação, a mídia os incita à confrontação. Provocadas, elas saem então da toca e passam a tagarelar. Vozes que são dispostas ao consumo e que gozam deste especial privilégio de também poderem contar um conto. São vozes por vezes ambíguas por serem muito precavidas. Algumas são vozes didáticas. Outras são teatrais, eventualmente coléricas. Não são vozes inocentes. Levantam bandeiras, provocam conflitos, evitam a negociação, eternizam a ruminação só para continuar a falar. Noutras oportunidades buscam “sarna para se coçar”. Assim, tornam-se porta-vozes e dizem o que todos pensam, mas temem afirmar. Nem sempre falam o que têm a dizer para convencer. Preferem irritar, discordar, retrucar. Visam eternizar o embate, e assim a própria voz, e o interesse dos veículos de Comunicação no seu discursar. Há certamente vozes bem intencionadas, que desejam também elucidar. Ao produzir o seu

coquetel diário de vezes os programas de debate escolhem assim uma variedade de sons. Vozes carismáticas. Vozes cínicas. Vozes bem humoradas. Vozes cheias de pompa e autoridade. A arte, a boa arte da mídia é saber misturar.

Segundo Dascal¹, a ‘discussão’ é uma interlocução que tem como objetivo se restringir a um problema específico. À medida que a discussão avança os debatedores reconhecem que a raiz do problema é algum erro. A discussão permite encontrar uma solução. Ela visa remediar o equívoco. O que se quer aqui é a verdade. A oposição entre as posições é lógica, não emocional. O debatedor trata de comprovar a veracidade de seu argumento ou a falsidade da apresentada pelo opositor. Ele está disposto a admitir derrota quando defrontado com argumentos indiscutíveis.

Já a “disputa” é uma interlocução que apresenta igualmente uma divergência bem definida. Mas não há acordo sobre a existência de um determinado erro a ser superado. A diferença entre os debatedores reside em atitudes, sentimentos e/ou preferências distintas. A disputa não pode ser solucionada. No máximo, pode-se pôr fim à disputa com sua dissolução. Ela poderá retornar em novas versões em torno de outros tópicos uma vez que as diferenças persistem. O que se quer aqui é a vitória. A oposição entre as posições é ideológica. O ambiente é competitivo. O debatedor espera ser apontado como vencedor, independentemente da veracidade de seu argumento. Ele começa e termina o embate convencido de que está certo. Utiliza-se retórica inflamada. O sarcasmo dos discursos não tem piedade. Não há esperança de se vencer racionalmente o embate nem de persuadir o adversário.

Por fim, neste tipo de enfrentamento pode surgir a ‘contro-*vérsia*’. Trata-se de uma interlocução que se posiciona entre a discussão e a disputa. Pode começar com um problema específico, mas rapidamente alcança outras questões e revela as profundas

¹ Fontes: Adaptado de Marcelo Dascal. *Types of Polemics and Types of Polemical Moves*. In: C. MEJRKOVÁ, S.; H OFFMANNOVÁ, J.; MÜLLEROVÁ, O. & SVETLÁ, J. (eds.) (1998). *Dialoganalyse VI. Referate der 6. Arbeitstagung*, Prag 1996. *Beiträge zur Dialogforschung*. Tübingen: Niemeyer, 2 volumes./ Sara Greco. Dascal on Interpretation and Understanding. *Studies in Communication Sciences* 5/1(2005) 217-230.

divergências de atitudes e preferências que separam os contendores sobre os métodos de se resolver o dilema. Não visa corrigir erros, o que provoca a continuidade do confronto de idéias e sua recorrência. Os debatedores acumulam argumentos capazes de aumentar o peso e a força de suas posições visando mover a balança da razão em seu favor. Controvérsias não são nem solucionadas nem dissolvidas, mas podem ser resolvidas. Os argumentos acumulados por uma das partes podem se tornar indiscutíveis, ou, graças à controvérsia, podem surgir posições aceitáveis às duas partes. O que se quer aqui é a persuasão do adversário e/ou do público que acompanha ao vivo ou através da mídia o embate. A oposição entre as posições envolve um amplo leque de divergências quanto à interpretação dos fatos relevantes, avaliações, atitudes, objetivos e métodos. O ambiente é deliberativo. O debatedor se esforça para apresentar razões para que seu argumento aparente superioridade, muito embora elas não sejam conclusivas. Mas ele está disposto também a reconhecer a importância dos argumentos do opositor. Em suma, a controvérsia é um quase-diálogo constituído e elaborado por peças de discurso. Envolve uma ou mais de uma inconsistência entre as declarações de dois personagens que são oponentes. Neste caso, o princípio de cooperação entre eles é bloqueado e o que geralmente é deixado implícito numa conversação precisa neste caso ser amplamente negociado.

A controvérsia não consegue ser resolvida no nível do conteúdo, pois envolve uma dimensão existencial (a reputação do debatedor). No fundo, o que se busca é a legitimidade social e por isso mesmo toda declaração se dirige não ao oponente, mas ao público que opera qual uma audiência de um espetáculo. No campo da ciência, as controvérsias são indispensáveis para a formação, a evolução e a avaliação das teorias. A crítica pública permite o controle e o seu aperfeiçoamento. O estudo de tais embates teóricos oferece uma descrição da história e da prática da ciência. Este é o ambiente natural em que devem viver os pesquisadores. Assim, as teorias vão se sucedendo até que se cristalizem. Mudança e inovação são autorizadas, desde que consigam vencer as resistências. Há controvérsia quando há pelos dois interlocutores que utilizam algum tipo de linguagem para se dirigir ao outro.

Assim, confrontam opiniões, argumentos, teorias etc. Há nela a dimensão lógica e afetiva do emissor e a recepção crítica pelo público ou adversário. Na controvérsia há sempre um elemento de imprevisibilidade já que se assegura ao adversário o direito de resposta. E sua reação é desconhecida. Acaba se tornando “um jogo estratégico”, um dá lá toma cá. Inclui documentos e referências a estudos passados dos interlocutores. Um amplo leque de fontes pertinentes ao embate é trazido à tona visando sustentar um ponto de vista. Assim, o público é levado a navegar numa larga tradição de pensamento e saber.

O rouxinol da mídia

O exame empírico de tal cantoria permite observar que, lá no meio dos sabiás, assobia cheio de prosa outro tipo de debatedor, o ‘rouxinol’ da mídia. É cantor ainda mais notável. É conhecido pela pureza de suas notas e pela variedade de suas melodias. Tem um extenso repertório, com trinados fluidos terminando em crescendo. Perambula muito. Está na Europa. Foi visto na África tropical. No verão migra à Ásia Menor. Frequenta lugares estranhos: charnecas, matas e bosques. O rouxinol é um cosmopolita. Seu ninho, no entanto, é montado sempre no mesmo lugar. Perambula mas sabe de onde veio e para onde deve voltar.

Este grupo, o dos ‘rouxinóis’, é formado por número restrito de polemistas. Por alguma razão é provocado pela mídia numa frequência superior a dos ‘sabiás’. Mas a verdade é que tanto entre os ‘sabiás’ como entre os ‘rouxinóis’ há vozes que falam sem parar. Há também vozes que costumavam cantarolar, mas que de repente, sem se saber bem porque, calam sem esperar. Há vozes que hibernam para se pronunciar. Na sociedade, há também outras vozes que gorjeiam e das quais nunca se ouve falar. Há vozes fóbicas, que têm medo de se expressar. Há vozes pernósticas que só dizem o que tem a dizer com muito floreio e jinga de corpo nas salas de estar.

Há vozes que só falam aos sussurros, queixosas. Há vozes que fazem um jogo de esconde-esconde, como crianças a brincar. Há vozes rimadas, vozes mimadas e agitadas, vozes que se escondem

na ficção e na imaginação. Vozes que só falam por via indireta, por metáforas, por meio de personagens, alguma trama e à prestação. Para elas a realidade é a fantasia. Na verdade, são vozes que vivem no mundo da lua. Para dizer às claras o que pensam demoram um tempão. Até lá fica esse jogo de faz de conta a exigir muita interpretação e concentração.

Do dito até aqui cabe recordar a mensagem de que a polêmica pública envolve uma dimensão educativa que visa influenciar de algum modo o estado de espírito das pessoas que observam o embate. Não é propriamente um diálogo honesto entre iguais ou uma conversação intimista. Simples discordância de opinião não é fator suficiente para evocar uma polêmica. O que entra em jogo aqui é a potencialidade de seus efeitos. A controvérsia deve ter um peso maior. Deve envolver uma quantidade de tópicos entrelaçados. Deve provocar a polarização dos pontos de vista. Suas conseqüências são existenciais. Há acusadores e há defensores que buscam ora negar a suspeita, ora apresentar desculpas e ora ainda justificar determinado comportamento, decisão, idéia e preferência.

É condição da polêmica a existência de um dilema, natural ou provocado. A ambigüidade inerente a tais impasses do pensamento provoca ansiedade, e por decorrência desejo de resolução. É este fator que dá ânimo ao embate. Tem-se aqui, por isso mesmo, gladiadores em luta, com a agressividade que caracteriza tais disputas. No caso, há uma simulação de um jogo de vida e morte. A agonia da polêmica não tem hora para acabar.

Dascal explica que há três tipos de estratégias retóricas. A primeira demanda uma prova. Quer a verdade acima de tudo. Visa eliminar qualquer dúvida sobre certa proposição. Utiliza regra de inferência capaz de levar de forma explícita e reconhecível à conclusão a ser provada. A regra e a evidência devem ser aceitas e reconhecidas pelo opositor. A prova não se refere à demonstração dedutiva formal, como utilizado em lógica e matemática. Refere-se a outras formas de inferência (indutiva e presuntiva, por exemplo) capazes de afirmar a verdade de uma declaração. Não se refere também à comprovação como a obtida num experimento, numa observação, num testemunho e no senso comum. Deve ser neutra em relação às crenças e interesses dos interlocutores. A verdade

deve ser fator decisivo ao se afirmar determinada crença. Para fazer frente às provas o interlocutor deve ser capaz de oferecer contraprovas.

A segunda estratégia é um estratagema. Visa provocar no público certa reação induzindo-a a crer que certa proposição é verdadeira. Pode eventualmente fazer uso da inferência, mas não obrigatoriamente. Caso faça uso, nem a inferência nem a evidência precisam ser consideradas de antemão verdadeiras. Precisam acima de tudo ser efetivas. O estratagema pode envolver a farsa e a dissimulação. Não precisa ser nem explícita nem reconhecível pela audiência desde que alcance seu efeito. Visa deixar o opositor sem argumentos, “sem fala”, incapaz de reação. Schopenhauer descreve o estratagema como um truque desonesto.

Por fim, surge o argumento. Visa fazer o opositor crer que certa proposição seja verdadeira. Apresenta razões para induzi-lo a ter certos desejos. O argumento não precisa estar baseado em inferência ou evidência. Apresenta proposições que o opositor possa aceitar. Leva-o a uma espécie de obrigação a acolher sua conclusão e a cooperar. Difere da prova por poder ser logicamente inválido. Exemplo do campo da política é o argumento relativo ao “efeito dominó”. Logicamente ele não se sustenta. O efeito em cadeia pode ser interrompido em qualquer ponto. No entanto, no período da Guerra do Vietnã, serviu como argumento potente. Mesmo uma falácia pode ser persuasiva.

A polêmica e o diálogo

Pouco antes de falecer, Michel Foucault explicou numa entrevista concedida a Paul Rabinow, em maio de 1984, que não tolerava enfrentamentos polêmicos, pois ‘o debatedor comporta-se como se estivesse numa guerra’. A pessoa a quem se enfrenta é vista como um adversário, um inimigo que está errado e cuja simples existência constitui uma ameaça. O desejo é aboli-lo como um interlocutor de qualquer diálogo imaginável. Para Foucault, tudo isso não passa de teatro. Classifica o embate como uma comédia em que se imita a guerra, aniquilamentos e rendições incondicionais. O que os polemistas expressam com mais clareza

é seu instinto assassino. Já o exercício da inquirição é de outra natureza, diz ele. No diálogo, o questionador tem o direito “de permanecer em dúvida, de perceber a contradição, de demandar mais informação, de enfatizar diferentes postulados, de assinalar falhas na argumentação, e assim por diante.”

Este tema, o do diálogo, ocupou igualmente outros filósofos. Gabriel Tarde, por exemplo, pondera que o mesmo não tem propósito imediato. É aberto, espontâneo, ao contrário do monólogo usual dos discursos persuasivos. Todos os participantes têm o direito a se pronunciar. A audição lhes é assegurada. O diálogo emerge da conversação, muito embora nem toda conversação o produza. Não visa a deliberação. Portanto, predomina a reciprocidade. Entra-se no diálogo admitindo como pressuposto que se pode estar errado.

Ao que parece, toda mediação de conflitos vê-se obrigada a utilizar este único canal disponível para a construção da paz. Neste tipo de ambiente menos propício à confrontação as partes buscam encontrar áreas de interesse comum. Tentam contemplar os justos interesses da outra parte. Evitam o exercício do ódio e do auto-ódio. Esforçam-se em evitar que a violência, sempre à espreita, possa pôr fim a reconciliação.

O diálogo é, de acordo com a obra de Martin Buber, um dar e um receber cooperativo no qual se tem plena consciência do interlocutor. Não é um jogo narcíseo no qual impera o silêncio tático, e o jogador espera o momento certo para dar o bote. Não é também o silêncio obsequioso que tão bem caracteriza o repentino cessar das prédicas e tagarelices dos intelectuais engajados.

Estudo empírico

As tabelas a seguir fazem o cadastro de todas as vozes convocadas em 2008 pelos programas Polêmica e Conversas Cruzadas.

O estoque de vozes no mercado de Porto Alegre. Polêmica e Conversas Cruzadas. 2008

1. Número de edições do programa Polêmica da Rádio Gaúcha em 2008	2. Número de Vozes que falaram no Programa Polêmica da Rádio Gaúcha em 2008	3. Número de debatedores que falaram no Programa Polêmica da Rádio Gaúcha em 2008	4. Número de edições do programa CC da TV Com em 2008	5. Número de Vozes que falaram no Programa CC da TV Com em 2008	6. Número de debatedores que falaram no Programa CC da TV Com em 2008	7. (1+4) Total de programas	8. (2+5) Total de vozes	9.(3+6) Total de debatedores
249	980	636	286	902	572	535	1882	1208

O estoque de vozes no mercado de Porto Alegre. Polêmica e Conversas Cruzadas. 2008

10.(2/1) Média de vozes/ Programa Polêmica	11. (3/1) Média de debatedor- Programa Polêmica	12.(5/4) Média de Vozes/ CC	13.(6/4) Média de debatedor/ Programa CC	14. Número de debatedores que participaram em mais de um debate	15.(14/7) Média geral de debatedor repetido por programa	16. Número de debatedores com participação nos dois programas	17. 9/7) Média geral de debatedor por programa
4	2,5	3,0	2	1128	2,1	62	2,25

Os sabiás da mídia – Porto Alegre. 2008.

Tipos de debatedores	Os mais freqüentes: número de participações no Polêmica	Os mais freqüentes: número de participações no CC	Total	Ranking
Professor/Acadêmico	113	80	193	2º.
Parlamentar	110	186	296	1º.
Advogado	91	70	161	4º.
Func. Público	63	122	185	3º.
ONG/Associação	57	53	110	5º.
Jornalista	52	15	67	10º.
Médico	52	18	70	9º.
Cientista Político	42	5	47	11º.
Economista	41	66	107	6º.
Sindicalista	40	60	100	7º.
Juiz	32	39	71	8º.
Psicólogo	30	12	42	14º.
Psiquiatra	29	7	38	15º.
Militante	25	21	46	12º.
Policial	24	20	44	13º.
Militar	20	15	35	15º.
Promotor	12	20	32	16º.
Procurador	8	14	22	17º.

Um total de 1882 vozes de 1208 debatedores foi listado nas 535 edições do “Polêmica” da Rádio Gaúcha e “Conversas Cruzadas” da TVCom. Ou seja, uma média de 2,25 debatedores por programa. É fácil entender que o número de vozes superou o número de debatedores porque 1128 debatedores participaram mais de uma vez nos debates ao longo do ano. Um total de 62 frequentou ambas as emissoras. É verdade que há outros programas de debate na imprensa de porto-alegrense. Também é verdade que este número (1208 debatedores) não inclui fontes exclusivas de outras emissoras. De qualquer forma, considerando a importância jornalística do “Polêmica” e “Conversas Cruzadas”, sua periodicidade diária, sua sólida audiência, afirmamos que este total é relevante e serve como banco de dados confiável ao fim de se avaliar as principais características destes protagonistas da controvérsia e debate público naquela cidade.

Os dados coletados revelam que (1) entre as mais frequentes vozes presentes neste tipo de debate na mídia gaúcha está a dos parlamentares (vereadores, deputados estaduais e deputados federais), a dos professores (principalmente acadêmicos), a dos funcionários públicos (geralmente representantes de todos os níveis e órgãos do poder executivo), a dos advogados e a dos representantes de associações e órgãos de classe. Por terem preferências editoriais distintas, o recrutamento das vozes pelos dois programas também se distingue. Geralmente quem fala num programa não fala no outro. Quem fala o faz mais de uma vez ao longo do tempo (somente 80 não participaram em mais de uma edição de um dos dois programas). Somente uma minoria, cerca de 5% (62 debatedores) participou dos dois programas. Ou seja, as vozes escolhidas constituem uma espécie de acervo intelectual da comunidade acionado com frequência pela produção. São vozes mobilizadas em rotação.

O que se vê também é que a pauta que os mobiliza gira principalmente em torno de temas ligados aos atos de governo, às crises sociais, econômicas e políticas e aos dilemas existenciais do cotidiano das pessoas como educação, amor, segurança e Comunicação.

Os parlamentares e os advogados são os que mais se parecem aos polemistas. Acima de tudo, desejam a vitória nos embates. Os professores carimbados por títulos e amuletos de prestígio de suas cátedras e universidades batem o ponto com alguma pose de saber

e pompa. Aparentam ser intelectuais persuasivos, alguns exibidos, dispostos a troca de farpas embora sob o disfarce da lógica e da razão. Os funcionários públicos são os mais angustiados. Têm a dura tarefa de justificar, defender, sofrer críticas de todos que têm queixas e lamúrias a cultivar. Por fim, é a vez dos representantes de classes e organizações. A missão deste personagem é a ruminação. Se queixa exigindo reparação.

Este tipo de palco tem muitas outras atrações. O cardápio completo tem outros pratos além da política, sindicatos, leis e constituição. Entre eles estão o medo à insegurança e a catarse da corrupção. Na sobremesa surge a política e tudo que diga respeito à saúde e ao corpo são. Ou seja, em boa medida as controvérsias mediadas por rádio e televisão são um tipo de embate destinado a formar cidadãos. Apesar da variedade, a presença deste trio – segurança, escândalo e política – parece fazer parte de boa parte da programação.

Percebe-se que (2) na “gaiola” onde estão reunidos os rouxinóis da mídia há cantores com timbres variados. Fazem parte desta nobre estirpe de personagens os representantes de oito categorias de atores, os economistas, os cientistas políticos, os professores/acadêmicos, os psiquiatras, os parlamentares, os militantes, os advogados e os policial-militares. O que distingue os indivíduos deste grupo varia. Alguns são virtuosos da boa retórica. Outros funcionam como símbolos. Ou seja, representam algo além deles próprios. Os acadêmicos tentam dar um tom sóbrio aos embates. Já os militantes, os advogados e os parlamentares lembram os “galos de rinha”. Do outro lado do picadeiro estão os psiquiatras a balancem em voz pausada este tipo de apetite por luta e sangue.

Na lista, a seguir, é possível observar que dois personagens posicionados em primeiro lugar entre os rouxinóis são acadêmicos de boa prosa. Quando solicitados demonstram sabedoria. Falam com calma sem afetação. Têm aparência de bonachão. Em seus discursos, parece imperar sempre o cálculo frio da boa argumentação. O que lhes acompanha o passo nesta posição de liderança é personalidade distinta, representa e simboliza claramente uma facção. Por isso mesmo é provocado a fazer o contraste, iniciar a labareda e alguma confusão. Já o número 2 é chamado porque quando fala representa um povo e uma multidão. Seu verso é ideológico, claro e cristão. O outro é duro no jargão. Militar, representa

uma instituição. O terceiro número 3, o advogado, é craque da polêmica. Diz o que diz com senso de humor, mesmo não agradando os companheiros de partido que estão de plantão. Dá a impressão de ser honesto e sincero, qualidades muito úteis à persuasão. São algumas características que podem eventualmente explicar porque estes personagens são os preferidos pela produção.

O temário exclui uma ampla agenda de tópicos que poderia acolher mais facilmente o “intelectual público” ausente neste tipo de transmissão. Como se sabe, este tipo de gente está menos interessada na pequenez do dia a dia e mais focada nas tendências, na memória, no futuro, na ciência, nos sonhos e fantasias. Neste cardápio diário de controvérsias provocadas há até mesmo esporte, mas muito pouco de arte, literatura, ciência, biografia e antropologia. Este tipo de temário encontrou um restrito refúgio nas emissoras educativas. Mas nada que se compare ao gosto pelo desgosto da mídia massiva.

Tipologia das vozes

Tipos de vozes	Características	Atores
1. Institucional	Representa figura jurídica, sela ele o governo, sindicatos e outras organizações. Engaja-se no debate para explicar seus atos, justificar ações e responder às críticas.	Representantes de instituições políticas e/ou representativas que se enfrentam no cenário público.
2. Militante	Representa parte interessada. Usualmente se queixa e ruminava. Exige reparação. O discurso é em boa medida emocional.	Representantes de ONGs, associações, indivíduos ideologicamente comprometidos, parlamentares e advogados. Intelectuais engajados.
3. Independente	Mantém equidistância das partes envolvidas na disputa. Faz o papel crítico. Analisa friamente o dilema. Seu prestígio provém de sua expertise. Desfruta de ampla credibilidade social.	Os acadêmicos com frequência buscam ocupar este espaço do analista. Mas outros personagens podem igualmente exercê-lo.
4. Simbólica	Este atributo parece estar presente e bem distribuído em todas as categorias anteriores. Ou seja, todo debatedor deve representar algo além dele próprio. Por vezes há vozes convocadas por terem este atributo mais forte que qualquer outro.	Títulos acadêmicos, história de vida, e honrarias ajudam dar credibilidade ao orador. São atributos de prestígio. Mas o importante é que seu discurso remeta a audiência para algo maior e mais importante do que sua figura particular. Quanto mais dotado for o orador desta virtude mais apelo terá sua figura à participação neste tipo de programação que envolve o debate de tema controverso.

As vozes têm estilo. Algumas são carismáticas. Neste caso, possuem a especial qualidade de provocarem reverência e uma audiência devota. Outras são críticas. Elas acusam, julgam, censuram, condenam, denunciam, repreendem e reprovam. Mas há também o estilo afetivo cuja força e vigor estão em sua capacidade de despertar de forma amorosa as emoções e os sentimentos do público. Acompanha-lhe o passo a abordagem diplomática que revela sensibilidade para tratar com delicadeza, discrição e tato temas controversos. No outro extremo está o estilo sarcástico, cuja retórica visa ridicularizar de forma cruel o oponente e o estilo irônico, cuja manifestação literal esconde a real intenção do discurso. O estilo autoritário é arrogante, provocador e agressivo e contrasta com o estilo bem humorado e humilde também freqüente neste tipo de programação.

Os tópicos mais populares de debates

Tópico	Freqüência	Tópico	Freqüência
1. Segurança Pública	53	7. Regras e Leis	19
2. Escândalos	46	8. Educação	18
3. Política Estadual	38	9. Transporte	14
3. Comportamento	38	10. Esporte	12
4. Política Nacional	34	11. Economia Intern.	10
5. Ciência e Saúde	28	12. Movimentos sociais/sindicais	11
6. Porto Alegre	24	13. Ambiente/ Pol. Municipal/ Crise/Litoral	8

Os Rouxinóis da Mídia Gaúcha. 2008

Nome	Atividade	Freqüência Total: Polêmica e CC
1. Paulo Moura	Cientista Político e acadêmico	13
1. Marcelo Portugal	Economista e acadêmico	13
1. Raul Pont	Parlamentar	13
2. Percival Pugina	Colunista e Militante	12
3. Cel. Paulo Mendes	Militar	12
2. Ricardo Giugliani	Advogado	12
3. Rogrigo González	Cientista Político	11
3. André Azevedo	Economista	11
4. André Marenko	Cientista político	10
4. Ibsen Pinheiro	Parlamentar	10
4. Fabiano Pereira	Parlamentar	10
4. Fernando Ferrari Filho	Parlamentar	10
5. Ático Chassot	Acadêmico	9
6. Gabriel Camargo	Psiquiatra	9
7. Zila B.	Parlamentar	9

Considerações finais

Ao aparecerem à vista, os polemistas adquirem uma aparência nada discreta. Acusam o opositor e defendem suas ideias num jogo usualmente referido como estratégico. Justificam, apresentam provas, dão exemplos, fazem analogias, discordam, objetam, criticam, ironizam e esperam em posição de defesa o revide do adversário. Não se pode fugir a esta circunstância vital e humana da discórdia, sempre presente em nossas vidas. Tais debatedores estão presentes na mídia, nos tribunais, nas salas de aula, nos parlamentos, nos colóquios científicos, nos artigos dos articulistas, nos ensaios filosóficos e agora, principalmente, também na blogosfera.

Qualquer diferença é capaz de gerar a controvérsia. Talvez este caos potencial seja o que atraia ao ringue midiático estes gladiadores das palavras. Sua presença no palco social tem efeito paradoxal. Por vezes, animam a conversação comunal. Desafiam verdades estabelecidas. Rompem com o trivial. Noutras, fazem de tudo para eternizar embates que clamam por solução. Neste caso mais pernicioso, seu discurso desmoraliza os esforços de pacificação.

Na imprensa são eventualmente bem-vindos embora sejam temidos. Cabe salientar que a polêmica pública estimulada por este tipo de personagem não é fenômeno recente. Por exemplo, a panfletagem da era tipográfica mostra que houve na história brasileira inúmeros confrontos de ideias, muitos deles disputas virulentas e agressivas.

A polêmica vive agora esparramada em vários recantos. Na ficção televisiva e cinematográfica, nos programas jornalísticos de debate, na produção fonográfica, na boca de personagens irônicos e debochados que desafiam os costumes. Ela varia de cultura a cultura. Em algumas é dura e inflamada. Noutras a emoção arrebatada é contida e aprisionada.

Neste tipo de discurso há de tudo um pouco: sátira, ironia, sarcasmo e humor. A luta entre o velho e o novo encontra assim o polemista como mediador e interlocutor. O fato de sofrer o ostracismo, a perseguição, a abominação, o exílio e eventualmente a morte por pensar e dizer o impensável é preço a pagar em certos ambientes por deflagrar uma luta incerta por corações e mentes. Até que vença e faça sucumbir seu opositor entrincheirado na tradição e nas ver-

dades incontestáveis terá que suportar estoicamente a desconfiança pública. O polemista educa, pois estimula o embate. Acorda mentes adormecidas como que narcotizadas pelo que é usual.

Referências

- AZEVEDO, Reinaldo. Decálogo do bom polemista. Disponível em: www.supersitegood.com/atento/texto.php?mat=503.
- BUBER, Martin. **Eu e tu**. São Paulo: Centauro, 2003.
- BUENO, A. e Ermakoff, G (or.) **Duelos no serpentário**: uma antologia da polêmica intelectual no Brasil 1850-1950. RJ. G. Ermakoff Casa Editorial, 2005.
- DASCAL, Marcelo. Types of polemics and types of polemical moves. In S. Cmerjrkova, J. Hoffmannova, O. Mullerova, and J. Svetla. **Dialogue Analysis VI** (Proceedings of the 6th Conference Prague 1996), v.1 Tübingen: Max Niemeyer, 15-33, 1998 (Republicado in H.S. Gill and G. Manetti (eds), *Signs and Signification*, v. 1 II, New Dehli: Bahri Publication, 2000. p. 127-150].
- FOREIGN POLICY** (Edição em espanhol). Os intelectuais mais influentes do mundo ibero-americano. 2008.
- JACOBY, Russel. **The last intellectuals**: American culture in the age of academe. Basic Books. 2000.
- PEREIRA, Milena da Silveira. A polêmica no final do oitocentos brasileiro. **Histórica**. N.20, março/2007.
- POSNER, Richard. **Public intellectuals**. A study of decline. Harvard University Press. 2001.
- OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. Intelectuais bons de Mídia. 7/11/2005.
- O **DEBATEDOURO**. Os intelectuais brasileiros mais influentes. 2005.
- O **DEBATEDOURO**. Os 50 intelectuais brasileiros mais influentes. 2008.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **Como vencer um debate sem precisar ter razão em 38 estratagemas**. TopBooks. 2003.
- TARDE, G. 'L'Opinion et la foule.' Paris : Presses Universitaires de France. 1989 p.87 In Joochan Kim and Eun Joo Kim. 'Theorizing Dialogic Deliberation'. **Communication theory** v.18, n.1, p: 51-70, Feb 2008.
- WELSH, S. Deliberative democracy and rhetorical production of political culture. *Rhetoric and Public Affairs* 5, p.682 In Nola J. Heidlebaugh. *Invention and Public Dialogue*. **Communication theory**. v.18,n.1, p:27-50, Feb 2008.